



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM  
CURSO DE LETRAS LÍNGUA PORTUGUESA/2017

MANUELLE PEREIRA DA SILVA

**NAVEGANDO PELA CULTURA:** Identidade e Memória de uma moradora do Rio  
Anequara

ABAETETUBA - PA  
2021

**MANUELLE PEREIRA DA SILVA**

**NAVEGANDO PELA CULTURA: Identidade e Memória de uma moradora do Rio  
Anequara**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa.

**ABAETETUBA-PA  
2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBDSistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S586n Silva, Manuelle Pereira da.  
NAVEGANDO PELA CULTURA : IDENTIDADE E  
MEMÓRIA DE UMA MORADORA DO RIO ANEQUARA /  
Manuelle Pereira da Silva. — 2021.  
28 f.

Orientador(a): Prof<sup>ª</sup>. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2021.

1. Comunidades Ribeirinhas . 2. Memória . 3. Cultura . 4. Identidade . I. Título.

CDD 410

---

## AGRADECIMENTOS

Sou grata em primeiro lugar à Deus, por tudo o que ele tem me permitido viver. Estamos passando por tempos de adversidades, mas, continuo com minha família completa e cheia de saúde. No entanto, perdemos muitos amigos, e gostaria de agradecer-lhes e de alguma forma expressar a minha singela homenagem, principalmente ao meu grande amigo Clóvis Parente, que foi um dos meus principais incentivados, mas que nos deixou prematuramente, fico na certeza que lá de cima, ele está me aplaudindo, como sempre fazia.

Aos que ficaram, familiares, amigos e professores, só resta a minha eterna gratidão, por todo apoio, seja ele em financeiro ou emocional. Obrigada por acreditarem no meu sonho e torna-lhe possível. Cada um de vocês, contribuíram de alguma maneira para que a minha dura caminhada na graduação, fosse possível, saibam que vocês foram fundamentais.

Agradeço à minha família, a base que me deu suporte durante este período. Em especial minha mãe que, nos meus momentos de fraqueza e desânimo, não largou a minha mão nenhum segundo, sempre me incentivando a não desistir, mostrando o quanto eu era forte e, com seu exemplo de fé inabalável, ensinava-me o significado da palavra persistência.

Gratidão à todos os professores que já passaram pela minha vida e deixaram sua contribuição para a minha formação profissional. Em especial à professora Rejane Nonato, que introduziu o desejo pela pesquisa. À minha orientadora Rosangela Nogueira, que com suas orientações, correções e incentivo, muito contribuiu para a construção desta pesquisa.

Aos colegas de turma, pelo companheirismo durante esses cinco anos de graduação. Especial minha amiga, Amanda Ferreira, amizade singular, estando comigo durante todo o processo, juntas sorrimos, nos divertimos, choramos, amadurecemos. Tudo isso faz parte do processo que a academia requer, hoje podemos dizer que, a partir dos inúmeros conselhos dados no início do curso, nós de fato, vivemos a academia.

## RESUMO

O presente trabalho discute a Cultura, Identidade e Memória por meio das narrativas de uma ribeirinha do Rio Anequara. Para tanto, a pesquisa objetiva discutir cultura, identidade e memória da comunidade ribeirinha do Rio Anequara, pela visão de uma das moradoras mais idosas. Como referencial teórico, os autores utilizados foram: Teixeira (2015) e Candau (2014), para falar sobre identidade e sua relação com a memória. Leal (2011) e Halbwachs (2006), fazendo apontamentos sobre cultura e memória. Netto e Ramos (2000) que tratam sobre a ligação entre identidade e cultura. Maciel (2021) e Moita Lopes (2001), ponderam sobre as narrativas orais em consonância com a concepção de memória, cultura e identidade. E, Pereira, Cardoso e Pantoja (2006), que apresentam como se constitui o Rio Anequara. Como metodologia, foi usada uma pesquisa de campo, realizada por meio de uma entrevista, que foi gravada, transcrita e posteriormente analisada. Os resultados apontam que está ocorrendo uma transformação na maneira como os moradores percebem muitos aspectos valorativos. As memórias da idosa, fornecem a noção de como era a vida no passado em comparação com o presente. Conclui-se que a idosa detém em suas memórias lembranças adquiridas com suas experiências e relações interpessoais, além disso, a comunidade, passa por transformações em aspectos culturais e identitários.

**Palavras-chave:** Comunidades Ribeirinhas. Memória. Cultura. Identidade.

## ABSTRACT

This work discusses Culture, Identity and Memory through the narratives of a riverside woman on the Anequara River. Therefore, the research aims to discuss the culture, identity and memory of the riverside community from Anequara River, from the point of view of one of the oldest residents. As a theoretical framework, the authors used were Teixeira (2015) and Candau (2014) to talk about identity and its relationship with memory. Leal (2011) and Halbwachs (2006), making notes on culture and memory. Netto and Ramos (2000) who deal with the link between identity and culture. Maciel (2021) and Moita Lopes (2001) consider oral narratives in line with the concept of memory, culture and identity. And, Pereira, Cardoso and Pantoja (2006), who present how the Anequara River is constituted. As a methodology, a field research was used, carried out through an interview, which was recorded, transcribed and later analyzed. The results show that a transformation is taking place in the way residents perceive many aspects of value. The elderly woman's memories provide a sense of what life was like in the past compared to the present. It is concluded that the elderly has in her memories, memories acquired from their experiences and interpersonal relationships, in addition, the community undergoes changes in cultural and identity aspects.

**Keywords:** Riverside Communities. Memory. Culture. Identity.

## INTRODUÇÃO

É notório que, por meio das narrativas orais, são conservadas as histórias dos povos, uma vez que as tradições, costumes e valores das comunidades são repassados de geração em geração. Além disso, é por meio da tradição oral que são repassados os aspectos culturais e identitários dos povos, principalmente quando trata-se de pessoas idosas. Com isso, pode-se dizer que elas são imprescindíveis para o processo de construção e manutenção das comunidades tradicionais ribeirinhas.

Mediante esse pressuposto, a questão que norteou a presente pesquisa foi: O que as narrativas orais da moradora do rio Anequara, podem revelar a respeito da cultura, identidade e memória da comunidade?

Para tanto, o objetivo geral do trabalho é discutir aspectos relacionados à cultura, identidade e memória por meio das narrativas orais de uma idosa moradora do rio Anequara, município de Abaetetuba-PA. Em relação aos objetivos específicos, foram: a) descrever como a idosa recorda fatos vivenciados naquele local; b) elencar os aspectos culturais da comunidade Rio Anequara, presentes nas memórias narradas; c) Analisar a constituição dos grupos identitários presentes na comunidade.

Este trabalho justifica-se inicialmente, por ser uma pesquisa realizada na comunidade em que a pesquisadora faz parte, daí surgiu o interesse por escrever sobre algo que se tem uma familiaridade, mas que muitas pessoas não sabem como de fato acontece, o que seria essa identidade e cultura ribeirinha. Para tanto, foi escolhida uma das moradoras mais antigas da comunidade, idosa, ribeirinha, por entender que existem muitos saberes presentes na memória dos idosos, que só poderiam ser revelados por intermédio de uma entrevista.

Entende-se que o discurso da idosa tem muito a contribuir a sociedade e principalmente com as pessoas que estão ao seu redor, pois, fala sobre como era sua vida no passado, elencando pontos de vistas, ideias e interpretações de mundo, em conferência com as crenças e saberes da sociedade atual. No que diz respeito às contribuições à comunidade acadêmica, os aspectos abordados viabilizam um aporte para os estudos de culturais, identitários e memorísticos do povo ribeirinho, tendo em vista que, se tratando de comunidades tradicionais são repassados apenas pela oralidade e a pesquisa vai possibilitar o registro escrito, como maneira de conservação de seus conhecimentos e, que podem ser consultados a qualquer momento pelos membros da comunidade a qual faz parte.

Nesse sentido, na composição deste trabalho, serão apontadas, inicialmente, as correlações existentes entre os conceitos de cultura, identidade e memória. Posteriormente, será apresentado como as narrativas orais se relacionam com a identidade, cultura e memória dos ribeirinhos. E, por fim, serão apresentados os resultados da análise das narrativas da moradora do Rio Anequara, discutindo como se dão seus processos identitários, culturais, além de aspectos referentes à memória da população ribeirinha, principalmente de idosos.

## **1. CULTURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA: UMA RELAÇÃO DE INTERDEPENDÊNCIA**

Este tópico tem como finalidade discutir a relação que existe entre as concepções de cultura, identidade e memória, tendo em vista que se trata de conceitos que estão intrinsecamente ligados. Pois, como afirma Teixeira (2015, p. 6), “[...] não há busca identitária sem memória, assim como toda busca memorial é sempre acompanhada por um sentimento de identidade”. Pode-se dizer que ambos conceitos então cercados pela concepção de cultura, uma vez que, ao adentrarmos no campo teórico de um, certamente passaremos o campo de atuação do outro.

[...] a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais, [...] que dependem da representação que ele faz de sua própria identidade, construída ‘no interior de uma lembrança’. (CANDAU, 2014, p. 19).

Com as considerações feitas por Candau, nota-se que é por intermédio da memória que serão construídas as identidades. Os fatos, realizações e/ou vivências de cada pessoa são guardados na memória, tornando-se parte essencial da personalidade de cada um. De acordo com cada situação que o indivíduo vivencia, serão acionadas determinadas lembranças, que o farão agir de uma maneira e não de outra. Assim, as ações de cada indivíduo são consequência ou são determinadas por sua identidade, diz respeito a quem as pessoas são, além de deixar claro a que grupo pertence.

Além da relação existente entre memória e identidade, também é imprescindível discutir a forte ligação que existe entre a memória e a cultura. Leal (2011) faz importantes apontamentos, evidenciados a seguir:

(...) cultura e memória se ligam e se complementam. Memória enquanto elo, enquanto fio condutor, enquanto linha de transmissão que permite que viveres, memórias-hábitos, imagens-lembranças, sejam re-existent no tempo. A cultura em meio a isso é o conteúdo. É o que está na memória, o que está nas imagens, no

cotidiano, no condicionamento. Ela pode ter se desenvolvido a partir da relação do homem com objetos, e pelo princípio da semelhança (LEAL, 2011, p. 11).

Diante das palavras de Leal, percebe-se como ocorre a ligação entre cultura e memória, pois uma completa a outra, sendo que a cultura é responsável por elaborar os conteúdos, situações de vivências, advindas das relações individuais e grupais. Nessa perspectiva, a memória aparece com a finalidade de conservar tais conteúdos que foram criados pela cultura, no decorrer do tempo.

Nesse sentido, vale destacar as ponderações feitas por Halbwachs (2006), que considera a cultura por meio de inúmeras imagens que são criadas e recriadas durante os diversos momentos de socialização, tais imagens também fazem parte do âmbito da memória, pois é por meio dela que são conservadas, para posteriormente ser repassados às novas gerações, por meio da tradição oral. Tendo em vista as diversas relações que foram descritas, faz-se necessário apresentar também a relação que existe entre identidade e cultura. Para tanto, a seguir, estão as reflexões de Netto e Ramos (2000).

Teorias de identidade se fundem na cultura e considera-se que cultura é apreendida, dinâmica e compartilhadamente: ambas estão imbricadas e ganham sentido no universo das relações sociais. Cultura e identidade são pertinentes, pois cultura não só é um produto das vivências dos homens, é também um processo dessa produção. E identidade é constituída sempre em uma certa relação com o onde o homem está situado, nessa relação o homem se define. As condições de existência do homem são aquilo através do qual ele se constitui. Então o homem se dá sempre por perspectivas e ou delimitações (NETTO E RAMOS, 2000, p. 213).

Por meio das reflexões feitas por Netto e Ramos (2000), entende-se que cultura e identidade estão presentes na instância das relações interpessoais, ou seja, são formadas no convívio com outras pessoas e seres. O lugar e/ou ambiente em que as pessoas vivem influenciam diretamente na constituição da cultura e identidade dos indivíduos, uma vez que é fator primordial, pois interfere diretamente na forma como o ser humano percebe o mundo, seus costumes e seus valores. Nessa perspectiva, é essencial discutir, de maneira mais ampla, como o conceito de cultura, identidade e memória estão inter-relacionadas. Para isso, é usada a visão de Candau, citado por Teixeira (2015), descrito em seguida.

[...] Joel Candau (2014), que admite que as escolhas memoriais dependem da representação que fazemos de nossa própria identidade – e que essa identidade é construída “no interior de uma lembrança”. É “no interior de uma lembrança” que me detenho. Para Candau (2014), essa lembrança é construída no terreno da própria memória, faculdade que nos acompanha desde o nascimento e a aparição da espécie humana. Apesar do caráter essencialmente individual da memória, existem conjuntos de representações mentais (ou lembranças) públicas relativamente estáveis, que são repetidas diversas vezes no interior de um grupo. A essas representações públicas, estáveis e repetitivas, Candau (2014) dá o nome de “representações culturais”, responsáveis por modificar nosso entorno, principalmente pela emissão de sinais. Por fim, esses mesmos sinais que modificam

nosso entorno retornam a nós, alterando nossos estados mentais. É, portanto, um ciclo que não tem um ponto de parada estabelecido (TEIXEIRA, 2015, p. 6 e 7).

Há uma relação de interdependência entre cultura, identidade e memória, sendo que uma necessita da outra para se completar. O vínculo existente entre elas colabora para a constituição da personalidade e características individuais das pessoas, uma vez que determinam suas ações e reações, o modo como os indivíduos percebem as diferentes situações. Tudo isso decorre de suas experiências acumuladas ao longo do tempo.

Diante de tudo que foi exposto, pode-se dizer que a constituição dos povos, principalmente as comunidades tradicionais, é pautada em todos esses aspectos que foram discutidos anteriormente. Nesse processo, as relações interpessoais são imprescindíveis, pois é por meio delas que acontecem as trocas sociais, que vão determinar os aspectos culturais e identitários dos indivíduos. Nesse sentido, a tradição oral também se mostra essencial, pois é por meio dela que são transmitidos os conhecimentos, saberes e costumes, geralmente por meio das narrativas orais, assunto discutido no próximo capítulo.

## **2. NARRATIVAS ORAIS E SUA RELAÇÃO COM A IDENTIDADE, CULTURA E MEMÓRIA DOS RIBEIRINHOS**

As narrativas orais apresentam uma íntima relação com a cultura, identidade e memória ribeirinha, tendo em vista que, por meio dela, são conservados muitos saberes e costumes dos povos. Nesse sentido, Calvet (2011) diz que o texto de tradição oral é um lugar onde são deixadas histórias absorvidas por determinada cultura, por determinada ideologia. Logo, as narrativas, como manifestação da linguagem humana, são essenciais, pois, ao contar sobre essas lembranças ou conhecimentos guardados, o narrador passa a diante tudo o que já vivenciou, contribuindo para a formação de quem está escutando.

(...) Nessas sociedades as palavras são manifestações do sagrado e por esse motivo são norteadores das ações. Para além de uma simples atividade comunicativa, existe interação entre os que contam e os que ouvem as histórias, cuja afetividade presente fortalece os vínculos familiares e de grupo além de dar sentido ao ato de contar. É observado nas comunidades o respeito à palavra falada, porque se compreende a dimensão do sagrado e se percebe sua materialidade nas práticas coletivas na qual todos se envolvem. É por meio da palavra falada que se resgata tradições, portanto ao se resgatar as narrativas por meio do ato de contar histórias, resgata-se também a gênese de um povo (MASCARENHAS E OLIVEIRA, 2021, p. 11).

Diante das ponderações feitas pelos autores, pode-se dizer que as narrativas desenvolvidas por meio da tradição oral são imprescindíveis para o processo de construção e

manutenção da cultura dos povos, pois não são transmitidos apenas fatos ocorridos, mas, na verdade, o que acontece é uma reconstrução do passado, que serve como aprendizado no presente. Nesse sentido, é imprescindível apontar o que Maciel fala a esse respeito.

A formação cultural amazônica constitui-se entre muitos fatores, de narrativas, as quais trazem em seus relatos, uma herança cultural recebida pelos seus descendentes. São vozes tecidas que estão presentes na vida habitacional das comunidades, reproduzidas pela tradição oral. Trata-se de conhecimentos pouco presentes na área urbana, os quais devido ao processo de globalização, sua não valorização acaba por deixar de contribuir para a construção de um conhecimento voltado para o vínculo com a cultura (MACIEL, 2021, p.83).

As narrativas que são desenvolvidas nas comunidades, fazem parte de um grande processo de manifestação cultural, que é pautada na tradição oral. Com isso, considera-se que os conhecimentos que são transmitidos por intermédio da oralidade, fazem parte dos inúmeros saberes e valores, vivenciados por população ribeirinhas que mora na região amazônica.

Para além dos aspectos mencionados anteriormente, Maciel (2021, p. 83) considera que “É nitidamente visível a existente relação entre cultura e narrativa, em virtude do diálogo entre ambas. Enquanto as narrativas expressam os elementos e formações culturais de um povo, a cultura também determina a narrativa”. Ou seja, é por meio das narrativas que são repassados os aspectos culturais que são adquiridos durante o processo de construção das comunidades tradicionais.

Ademais, vale considerar que há uma outra relação que é indispensável ser discutida neste trabalho, no que diz respeito à tradição oral, trata-se do diálogo existente entre as narrativas orais e as identidades ribeirinhas, como veremos mais adiante na citação apresentada.

(...) um dos papéis das narrativas relaciona-se à questão de processo de construção de identidades sociais. Seu foco de interesse é, como ele mesmo reporta, “o papel que as narrativas desempenham na construção de identidades sociais nas práticas narrativas onde as pessoas relatam a vida social e, em tal engajamento discursivo, se constroem e constroem os outros” (MOITA LOPES, 2001, p. 63).

Entende-se o papel das narrativas, enquanto detentora e construtora de identidades, nos grupos sociais, que são desenvolvidos por meio dos diferentes discursos, captados principalmente no cotidiano, entre os diversos processos de contação de histórias de vida. Nesses momentos de intimidade, contam-se não apenas experiências ou momentos que foram vivenciados pelos narradores, durante toda a sua vida, mas, por meio dos relatos, também são construídas e repassadas muitas particularidades das populações, que fazem parte da identidade deste povo, estabelecido e restabelecido por meio da oralidade.

Ademais, tendo como fonte principal a contação da história de vida dos ribeirinhos, é possível não apenas construir uma identidade local, mas reconstruir as outras identidades já

existentes na comunidade, dando a ela características obtidas pela modernidade e globalização, para que, assim, possa se atualizar de acordo com as novas concepções e valores de sociedade.

Mishler (1999) também analisa a narrativa como práxis e sugere que as narrativas de experiências pessoais e as histórias de vida não devem ser entendidas apenas como ações socialmente situadas, mas também como performances identitárias e como uma forma de fusão entre forma e conteúdo. Se as pessoas tendem a explicar suas ações para si mesmas e para os outros através de histórias (EWICK e SILBEY, 2003, p. 1340), nada mais natural do que compreender a narrativa como forma de (re-)construção constante de identidades sociais (APUD NOBREGA E MAGALHÃES, 2012).

As narrativas apresentam um forte caráter identitário, uma vez que são para reconstruir suas próprias identidades, ou seja, narrar fatos é também uma forma de reconstruir a si mesmo, sua essência e seu íntimo. Nesse sentido, a partir dos inúmeros aspectos que foram apresentados até o momento, fica evidente a importância das narrativas para o processo identitário e cultural das comunidades tradicionais ribeirinhas. No entanto, faz-se necessário discutir a relação que existe entre narrativas orais de história de vida e memória. Para isso, é apresentado Perazzo (2015), pois considera esta ligação como item fundamental, como veremos a seguir.

Os métodos da História Oral oferecem um suporte metodológico nos estudos da memória e das narrativas orais de história de vida, e também possibilitam a compreensão de processos comunicacionais e sua intersecção com a cultura. Cada sujeito, ao narrar sua trajetória de vida, se revela uma testemunha e um artífice da história. Essas narrativas orais não são menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais. Não se busca a verdade, já que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade, uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e constrói sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo (PERAZZO, 2015, p. 123).

As histórias de vida, narradas por meio da tradição oral, não são menos válidas por fazerem parte da oralidade, na verdade apresentam o mesmo caráter social, uma vez que são usadas como disseminação dos aspectos identitários e culturais dos povos. Além disso, as narrativas são consideradas “(...) expressões da nossa memória, são as nossas propriedades de conservar certas informações, que nos remetem a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas (...)” (LE GOFF, 2003, p. 419).

Diante disso, percebe-se a memória como item imprescindível, não apenas como meio de conservação de informação, mas como meio utilizado pelos povos, como

disseminação dos conhecimentos existentes e, para auxiliar nesse processo, são usadas as narrativas, também como forma de transmissão de saberes.

Eis que o passado não existe. Só existe em nossas representações, só existe em nossa memória. Só se expressa se houver em forma de relato. É o sujeito da ação quem pode relacionar-se ao seu passado. Dessa forma, as Narrativas Oraís de Histórias de Vida concernem à ação comunicativa do relato (ou da retórica), por meio da organização de informações possibilitada pela memória e expressa pela oralidade de um sujeito em cujas experiências passadas estejam (PERAZZO, 2015, p. 128).

Nesse sentido, a memória é um item fundamental, pois é por meio dela que são conservadas as lembranças das pessoas, além de aspectos culturais e identitários, possibilitando o repasse aos novos membros da comunidade, ato que jamais poderia ser desenvolvido, não fosse por esses mecanismos de reconstrução do passado, feito pela mente humana. Delgado (2010), aponta que tanto as narrativas quanto a memória apresentam importantes contribuições no que diz respeito ao processo de construção de identidades, tanto individuais quanto coletivas. Esse processo é entendido como resultado de uma ação contínua de vivência social, em que são mantidas as lembranças formadas na relação com determinados grupos de referências.

Corroborando com a afirmativa acima, Maciel (2021) atesta que a tradição oral é repassada de uma geração para outra por meio da fala, assim, está totalmente relacionada aos sujeitos, pois ela ocorre pela linguagem em forma de narrativa, a qual está intrinsecamente ligada à memória que é uma ocorrência nos sujeitos. Ademais, a autora considera que as narrativas se apresentam como uma fonte que revela muitas coisas, tanto de aspectos do passado como do presente.

As narrativas, como produto da memória coletiva, modificam-se e se adaptam aos ambientes dos rios, das florestas e das matas; são atemporais e por isso não têm idade (...) Elas se atualizam no momento do narrar, também pelo trabalho com a linguagem que evoca o gosto da conversa, os gestos, as expressões faciais, o franzir do rosto, os murmúrios, o silêncio. São narrativas que identificam o ambiente geográfico do mundo narrado e, simultaneamente, compõem a rede emaranhada de fios de memória dos rios, das florestas, das comunidades ribeirinhas, lugares em que os pescadores, rezadeiras, curandeiras vão depositando, também, suas memórias individuais (MACIEL, 2020, p. 55).

Falando a respeito do diálogo existente entre as narrativas e memória, discutido anteriormente, percebe-se que essa ligação fica cada vez mais perceptível, quando se trata de comunidades tradicionais ribeirinhas, que têm formas de agir e de pensar muito determinadas pelas ações da natureza e, por conta disso, o que é identificado no momento das narrativas, que resgatam especificidades daquele local de onde se está falando.

Nesse sentido, as narrativas orais são vistas como um meio de manifestação cultural, pois, além de conservar muitos saberes e tradições dos povos, também possibilita, por meio

da memória, a conservação de tais aspectos, que são resultados da materialização identitária da comunidade, repassados por gerações. Essa transferência de saberes culturais e identitários faz com que as populações ribeirinhas guardem, a despeito das transformações sociais e dos avanços tecnológicos, características que são únicas e particulares.

### 3 RIO ANEQUARA: CULTURA, IDENTIDADE E MEMÓRIAS



*Fonte: Acervo da autora*

Este trabalho visa apresentar discussões a respeito de como se constituem as memórias, identidade e cultura das populações ribeirinhas, manifestadas por meio das narrativas orais de uma idosa, do Rio Anequara. Para isso, é necessário conhecer um pouco sobre a comunidade, o modo de vida, seus costumes, suas crenças, além de sua relação com os trabalhos e com os outros.

Ferraz (2010, p.24) considera que “utiliza-se o termo ribeirinho para designar os camponeses que vivem às margens das águas e que vivem da extração e manejo dos recursos florestais-aquáticos, e da agricultura em pequena escala”. Para tanto, ser ribeirinho implica muitos aspectos a serem discutidos, pois as comunidades tradicionais ribeirinhas detêm muitos saberes, tradições e costumes, adquiridos durante todo seu processo de construção histórica.

Constata-se que o Rio Anequara é uma comunidade tradicional ribeirinha, que compõem as 72 ilhas do Município de Abaetetuba-Pa. Os membros da comunidade têm como

principal fonte de renda o manejo de açaí, tanto no processo de extração quanto de comercialização. Além disso, também desenvolvem a pesca, que ocorre por meio de redes e anzóis, além de Matapi. Também existem pessoas que realizam outras atividades na região como comércio informal (as chamadas mercearias), marreteiros e alguns funcionários públicos como professores, serventes e vigias. No entanto, ainda não há emprego suficiente para atender a demanda da população, como exposto adiante.

(...) na localidade, não existe emprego suficiente para as pessoas manterem suas famílias, sendo obrigadas a deixarem suas casas durante meses e meses, se empregando, que é atividade que a grande maioria dos moradores da localidade faz. Ou seja, aqueles que não tiveram oportunidade de estudar, para adquirir um emprego adequado, então, a única opção é deixarem suas casas, suas famílias e irem para outra localidade, ou região distante para trabalhar com a pesca artesanal. Durante esse período que passam afastados de suas famílias, enfrentam péssimas condições, devido ser um trabalho muito pesado, e que também alguns acabam até adoecendo, pois viajar, pescar, requer bastante esforço físico de quem executa essa atividade, então, muitos se martirizaram dizendo que não tiveram sorte de estudar e arranjar um emprego para trabalhar no "inxuto", onde possam sustentar suas famílias, sem passar por todas essas dificuldades (...) (PEREIRA, CARDOSO E PANTOJA, 2006, p. 24 e 25).

Atualmente, essa realidade não é muito diferente, pois ainda existem pessoas que deixam suas casas durante a semana e vão trabalhar em fábricas, que ficam em cidades vizinhas como Barcarena. Essas pessoas retornam no meio da semana ou aos finais de semana, que é o período de folga. Ainda tem aqueles que também não conseguiram terminar os estudos ou não tiveram oportunidade de estudar, sendo a sua única opção é ir para outra região trabalhar com a pesca artesanal. Esses ficam meses longe de suas famílias, quando retornam ao rio, passam alguns dias com seus familiares e viajam novamente. Em relação à educação na localidade, existe apenas uma escola que foi conquistada recentemente por meio de muita luta da população, como percebemos no discurso de Pereira, Cardoso e Pantoja (2006).

(...) há muito tempo os moradores já vinham lutando por uma escola adequada, onde seus filhos possam ter acesso a uma educação de qualidade, Coisa que na localidade é bastante precária, pois só existe aula até a 4º série do Ensino Fundamental. Quando as crianças concluem a 4º série, umas se deslocam para outro rio, para prosseguirem seus estudos, sendo que muitas dessas crianças não conseguem concluir os estudos devido a sua situação financeira, pois a maioria é de família pobre e não possui condição adequada para pagar um transporte para chegar até a localidade; outros que também tentam estudar na sede do município, também enfrentam sérios problemas como: Moradia, pois os mesmos não tendo onde morar ficam pelas casas de parentes, conhecidos e amigos (PEREIRA, CARDOSO E PANTOJA, 2006, p. 26).

Como percebe-se, a conquista da Escola Nossa Senhora do Perpétuo é bem recente, trata-se de uma escola municipal, mas que, por meio de uma parceria com o governo do estado, serve de anexo à Escola Pedro Teixeira, para que os alunos que terminam o ensino

fundamental I, possam ter acesso às outras etapas da educação básica, podendo concluir até o ensino médio.

Apesar de existir esse anexo, os alunos do estado têm uma educação muito deficiente, pois nem a grade curricular obrigatória não é cumprida, uma vez que, em alguns casos, disciplinas fundamentais como Língua Portuguesa e Matemática não são trabalhadas por não ter professores para ministrá-las. Outro problema que a comunidade enfrenta são as faltas constantes de alguns professores que trabalham nesse local. Muitas vezes os professores faltam por conta dos transportes, pois eles têm que pagar com seu próprio dinheiro.

No entanto, percebe-se que essa situação poderia ser facilmente resolvida, uma vez que a própria comunidade dispõe de pessoas formadas, que estão só esperando uma oportunidade para trabalhar. Se essas pessoas fossem contratadas, a maioria dos transtornos seria amenizada. Em relação à saúde, é um direito constitucional que parece não ser relevante para o governo, pois a população sofre durante anos, com falta de atendimentos hospitalares, como fica evidente na citação a seguir:

Desde muitos anos os moradores das Ilhas sofrem muito devido uma grande precariedade em relação à saúde (...) Um problema muito grave que a maioria do povo enfrenta, é que seus trabalhos são demais arriscados: Trabalho com pesca, anzol, trabalho no mato, pular na água e etc. Constantemente acontecem acidentes, ferrada de arraia, picada de cobra, golpe e etc. E as pessoas têm que ir para cidade, que fica num percurso de 2 horas de viagem de motor. Já aconteceu casos em que pessoas daqui do rio, perderam sua vida devido custarem muito tempo para serem atendidos (...) (PEREIRA, CARDOSO E PANTOJA, p. 27 e 28)

Esse caos ainda é uma realidade nas ilhas de Abaetetuba, pois, recentemente, foi inaugurado um posto médico, no Rio Anequara, que atenderá também às comunidades dos arredores. No entanto, esses atendimentos ainda não são realizados com eficácia, pois o posto não tem medicamentos e a equipe médica só trabalha no período da manhã. Dessa forma, quando alguém precisa de alguma assistência hospitalar, em outros períodos do dia, deve ser conduzido até a sede do município.

Isso é um caso preocupante, pois corre o risco desses casos não serem tratados a tempo, tendo em vista a longa distância existente entre a comunidade e a cidade. Ademais, durante o percurso é preciso atravessar uma baía. Dessa forma, quando está com muita maresia, a condução do paciente não é possível, bem como as ocorrências que acontecem durante a noite, pois correm o risco de serem assaltados no caminho.

(...) vemos que os pobres não tem condições financeiras para pagar um médico particular, e ai sofrem. Nossas autoridades nunca estiveram preocupados com essa situação, nem nunca fizeram alguma para amenizar esses problemas; pois se fossem divididas as fichas, para as pessoas da cidade e para as das Ilhas, muita coisa ia melhorar para o povo ribeirinho. Contudo, ainda vejo que somente quem convive

com este povo é capaz de perceber seu sofrimento, visto que nossas autoridades, não conseguem enxergar, devido nunca terem passado por dificuldades semelhantes (PEREIRA, CARDOSO E PANTOJA, 28).

É perceptível que muitas coisas já mudaram no Rio Anequara, no entanto o descaso dos governantes com a população sempre permanece, ao observar a citação acima, é como se estivesse vendo uma descrição perfeita da realidade da comunidade. Apesar de tantos avanços, é como se nada tivesse mudado. No que diz respeito às formas de lazer, desenvolvidas pelos membros da comunidade, também existem algumas atividades que eram práticas culturais que estão sendo deixadas de ser desenvolvidas.

Antigamente, as épocas de lazer estavam diretamente ligadas as atividades religiosas, pois quando havia a realização das tradicionais festas de santo havia diversão e lazer. Para as pessoas mais antigas, aquele é que era o bom tempo, em que, podiam sair com seus parentes e se divertir a noite toda sem serem incomodada. Naquele tempo a dança era bolero, jovem guarda e outros. Hoje, para as pessoas mais idosas, o lazer está cada mais perigoso, pois, as pessoas estão cada mais violentas, qualquer movimento, onde existe a bebida alcoólica, sempre há desentendimento, brigas e até morte como já aconteceu. Por isso hoje o lazer se realiza em vários lugares e horários, nos mais diferentes espaços físicos; Mas, para os mais idosas hoje, a melhor opção é ficar em casa, já que as festas só tocam músicas mecânicas, na maioria das vezes não fazem a relação com o passado (PEREIRA, CARDOSO E PANTOJA, 34).

A questão relatada acima é uma das muitas atividades que deixaram de ser realizadas, pois eram as pessoas mais idosas que costumavam realizar. Diferentemente de como acontecia no passado, atualmente as práticas de lazer estão pautadas em momentos em que estão presentes bebidas alcoólicas e até mesmo drogas. Para tanto, os locais destinados a estas práticas são as casas de festas dançantes.

#### **4. METODOLOGIA**

A pesquisa foi desenvolvida em Fevereiro de 2020, no período pré-pandemia, inicialmente pretendia-se analisar o discurso de vários idosos da comunidade do Rio Anequara, tanto homens quanto mulheres que estivessem residido a vida inteira na localidade. No entanto, em decorrência da chegada da Covid 19, que paralisou o mundo, impossibilitando o contato com os idosos, só foi possível realizar a entrevista com uma moradora, que era a primeira pessoa da lista de entrevistados, pois trata-se de uma das moradoras mais idosas da comunidade.

A coleta dos dados foi desenvolvida por meio de um questionário, em que as perguntas foram gravadas e transcritas, sem cortes, pois deve-se manter a espontaneidade linguística da narradora. Posteriormente, realizaram-se análises das narrativas, visando

compreender a relação existente entre o que propõem os autores da área e o que está presente nos dados coletados, buscando identificar aspectos relacionados à memória, cultura e identidade dos ribeirinhos, moradores do rio Anequara.

Falando sobre a natureza da pesquisa, foi utilizada uma Pesquisa básica, pautando-se na visão de Silveira e Córdova (2009, p. 31) de que “Objetiva gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista (...)”. No caso deste trabalho, os aspectos observados foram os fenômenos culturais, identitários, que relacionam à memória dos moradores do Rio Anequara, coletados por meio da narrativa oral.

No que diz respeito aos objetivos de pesquisa, este trabalho procura desenvolver, no primeiro momento, uma pesquisa descritiva, colocando as discussões dos autores sobre o tema, posteriormente desenvolve-se a Pesquisa exploratória. As Pesquisas Descritivas (...) têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis (GIL, 2008 p. 27). Com isso, serão descritas pesquisas de autores que foram realizadas, com o intuito de discutir a respeito da constituição da cultura, identidade e memória dos ribeirinhos. Em seguida, parte-se para a realização da pesquisa exploratória.

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento. Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. Procedimentos de amostragem e técnicas quantitativas de coleta de dados não são costumeiramente aplicados nestas pesquisas. (GIL, 2008, p. 27).

Em relação à abordagem usada no trabalho, trata-se de uma pesquisa qualitativa, caracterizada por Denzin e Lincoln (2006), por envolver uma abordagem interpretativa do mundo, isso implica dizer que a pesquisa ocorrerá por meio de estudos das coisas em seus cenários naturais, visando compreender os fenômenos para assim poder explicá-los.

O método usado na pesquisa, trata-se do método indutivo, que tem características contrárias do método dedutivo, que, segundo Gil (2008, 11), “(...) parte-se da observação de fatos ou fenômenos cujas causas se deseja conhecer. A seguir, procura-se compará-los com a finalidade de descobrir as relações existentes entre eles (...)”. Nesse sentido, este método visa conhecer mais as comunidades tradicionais ribeirinhas, buscando por meio da narrativa oral, obtida por meio de gravações no contexto informal, ou seja, no ambiente natural da entrevistada, possibilitando, com isso, que os resultados sejam narrativas espontâneas, que

demonstre como é a vida, os pensamentos e o modo de agir dos ribeirinhos residentes no Rio Anequara.

Em relação aos procedimentos usados na pesquisa, trata-se de uma pesquisa de campo, que Fonseca (2002) conceitua como sendo uma pesquisa que tem característica principal a investigação, nela, além de fazer uma pesquisa bibliográfica e/ou documental, também é preciso fazer coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa. Com isso, foram desenvolvidas as visitas na casa da idosa, visando coletar os dados, que serão analisados posteriormente.

#### **4.1 O CORPUS DA PESQUISA**

O corpus da pesquisa é constituído por narrativas orais, obtidas por meio de uma entrevista, desenvolvida com uma idosa de 75 anos, moradora do Rio Anequara, seu nome é Silvana Ribeiro Pereira, mas, conhecida na comunidade como “Tia Cici”. Vale ressaltar, que a colabora foi escolhida por ser uma das moradoras mais antigas da comunidade, sendo assim, em seu repertório, percebe-se um vasto conteúdo de experiências vividas e que podem ser repassadas e registradas, como manifestação cultural e identitária da comunidade.

Tia Cici é uma senhora muito respeitada, viúva, mãe de 7 filhos, vista como um exemplo de representatividade, principalmente na igreja católica, a qual faz parte. Estudou até a terceira série, sempre morou na comunidade e nunca teve um emprego com remuneração fixa, é a considerada “dona de casa”, somente algumas vezes que saía de casa para desenvolver atividades com remuneração, mas a maioria do tempo era o esposo e os filhos, incumbidos por essa tarefa, ela, por sua vez, era responsável por fazer as atividades domésticas e cuidar da família.

Nessa perspectiva, Pollak (1992, p. 201) afirma que a memória de uma pessoa idosa é um elemento crucial para compreender a relação entre identidade e práticas sociais cotidianas ligadas aos saberes culturais de um povo. Além disso, a memória que ele guarda é a fonte de preservação do passado e, por isso, deve ser preservada. Nesse sentido, tais memórias, que foram guardadas, são repassadas constantemente por meio da tradição oral, nas narrativas de histórias de suas vidas, repassadas por meio de relatos espontâneos.

(...) Ao narrador oral não interessa convencer seu ouvinte como deve fazer um orador. A esse narrador interessa que adentremos em sua história, fazer com que seus ouvintes vivam o que os personagens de seu relato viveram. Por sua vez, quando esse mesmo narrador tem a iniciativa de contar uma história, ele mesmo procura fios condutores pelos quais pode tecer a trama que quer relatar. Se ele não

consegue memorizar os detalhes exatamente como gostaria de lembrar, utiliza-se da capacidade humana de imaginar ou inventar coisas, combinando inteligência e habilidade com seus conhecimentos e meios dos quais dispõe. O texto se transforma por motivos e por estratégias da sua própria constituição, pois o texto oral se estende para além das palavras de seu narrador, mais além da própria presença do enunciador (VERGARA, 2004, p. 30 - 33 PERAZZO, 2015, p. 126).

Assim, percebemos a importância da espontaneidade no desenvolvimento das narrativas visto que resultam das construções espontâneas, feitas pelo sujeito, o qual escolhe que fatos deseja expor, tendo em vista sua compreensão cultural, identitária, memória e imaginário.

## **4.2 NARRATIVAS ORAIS COLETADAS EM ENTREVISTA COM A IDOSA**

A presente pesquisa aborda o discurso de uma mulher idosa, ribeirinha, moradora do Rio Anequara, município de Abaetetuba-Pa, adquirido por meio de narrativas orais, coletadas por meio de uma entrevista que foi. Adiante serão apresentados os resultados do discurso captado por meio de uma entrevista, gravada com o consentimento da entrevistada.

### **4.2.1 ANÁLISE DA ENTREVISTA**

A pesquisa foi feita por meio de um questionário, com 9 perguntas que serão elencadas no roteiro elencadas a seguir:

- a) Você poderia fazer um relato de como era o rio quando você ainda era criança?
- b) Como eram os trabalhos exercidos na época?
- c) Conte alguma coisa que já aconteceu de bom com você aqui neste rio.
- d) Fale sobre alguma coisa que já aconteceu de ruim.
- e) Quais eram as principais dificuldades que vocês encontram nessa época?
- f) Qual é o período que você considera melhor? No passado ou como está agora? por quê?
- g) Como era a educação ou o estudo na época?
- h) O que você percebe que mudou de quando você era criança para atualmente?
- i) Como era a relação entre os pais com os filhos?

Na primeira pergunta feita, sobre o seu nome, a entrevistada questionou se era o nome verdadeiro, isso evidencia um aspecto cultural muito forte dos moradores desta localidade, que é a questão dos apelidos, pois cada membro da comunidade recebe um

apelido, que é adotado por todos os integrantes da comunidade, sendo que muitas vezes, o verdadeiro nome nem é conhecido pelos membros da comunidade. Ademais, foi questionado “Como era sua vida quando criança?”, visando obter um relato não só de como era sua vida no passado, mais que isso, busca-se entender, aspectos culturais e identitários que só podem ser conhecidos por meio da lembrança de quem viveu aquele tempo. A seguir consta a sua resposta.

Olha, o relato é que quando eu era criança num tinha esse avê de casa que tem agora, né? Época casa que tinha, uma longe da ôtra... a diversão é que no tempo do são João a fuguera que a gente passava fuguera... e agora acabou tudo isso ... num tem nada disso, num tem fuguera, num tem nada ... cabu, num mas essas brincadera ... e tinha tudo essas brincadera tinha nesse tempo, né? Agora num tem nesse tempo, agora (INFORMANTE, 2020).

O que se percebe por meio das falas da entrevistada é que, quando tem que procurar na memória fatos que exemplifiquem seu passado, ela busca por comparações de aspectos que possam ser diferentes do presente, para explicar o que, em sua percepção, mudou. Quando ela diz que “não existia esse ave de casas”, refere-se a quantidades de residências que existiam no passado, que eram mais reduzidas do que atualmente. Isso significa dizer que a localidade já sofreu modificações em relação a sua constituição física, em decorrência da globalização, natalidade e da constituição de novas famílias, o que multiplicou o número de moradores.

De acordo com sua fala, também se evidencia que ela reprova muitas formas de diversão que são usadas pelos jovens (que geralmente envolvem bebidas alcoólicas), além de lamentar o desuso de certas formas de diversão que eram usadas no passado, mas que já não é uma prática comum nos dias atuais. Essas celebrações eram parte da cultura e da identidade daquela população, como as comemorações juninas, com celebrações feitas com fogueiras, em que aconteciam os rituais, em que as pessoas deveriam pular por cima da fogueira recitando suas simpatias, com desejos de que algo acontecesse.

Outro fator que se identifica com mudanças é a questão dos trabalhos, como veremos a seguir. No passado, o Rio Anequara constituía-se de um local com uma diversidade maior de serviços a serem executados.

Trabalhu, tinha trabalhu de ... tinha o tempo que a gente juntava ucuuba no matu, juntava azete e também cortava ciringuera... a gente cortava ciringuera ... eu inda cheguei corta ciringuera e eu gostava deste trabalho (INFORMANTE, 2020).

Neste tópico, nota-se que a maioria dos trabalhos eram executados tanto por homens, quanto por mulheres, no entanto, as mulheres não participavam ativamente deste processo. Além disso, vale ressaltar que desde muito tempo já existe uma determinação de períodos para realizar determinados trabalhos e, isso ainda permanece nos dias atuais, pois nessas

regiões há um momento em que, enquanto aparecem certos alimentos e/ou matérias prima, desaparecem outros, o período em que os alimentos estão em abundância, é conhecido como safra.

Vale ressaltar que a relação dos ribeirinhos com os trabalhos acontece de maneira sustentável, pois eles trabalham de acordo com as demandas da natureza, ou seja, retiram dela somente o que necessitam no momento. Com isso, compreende-se que esta prática ribeirinha, faz parte das identidades pelo qual a comunidade cerca-se, pautada em atividades artesanais, que tem como fonte principal, os recursos naturais, que são usados com total respeito às leis da natureza.

Entretanto, é importante dizer, que muitas destas atividades que foram citadas, já fazem parte da prática da nova geração, como extração de alguns alimentos que não são mais encontrados na comunidade. Nessa perspectiva, é imprescindível recuperar esses saberes que foram adquiridos por meio dessas práticas culturais e, ainda são conservados, na memória dos idosos, sendo repassada constantemente aos mais jovens, ora por meio dos ensinamentos diretos, quando há necessidade se aprender determinada técnica, ora por conta dos inúmeros relatos pessoais, feitos pelos pais, tios ou avós.

Um fato que chamou atenção durante a entrevista é quando a entrevistada é questionada sobre fatos que aconteceram de bom durante a sua vida, ela não consegue lembrar. No entanto, quando diz respeito a algo ruim que aconteceu, ela consegue fazer importantes apontamentos, lembrando de uma situação que, para ela, foi algo muito ruim vivenciado, como visto a seguir.

O ruim que cunteceu foi que né... é nu tempo da pirataria né...que tinha os pirata que invadia a casa da gente, por isso que eu me mudei da bera da praia pra cá... porcosa desses pirata... é ... era isso era o ruim... aí pra cá melhora por que nesse tempo... num sei se pararu us pirata ou se pra cá pru rio melhora mas... num sei... (INFORMANTE, 2020).

Esse fato simboliza um momento extremamente marcante, gerando lembranças de tempos passados. Além disso, por meio de uma descrição detalhada, compreende-se que a entrevistada morava em uma parte do rio, que era uma região que ficava mais afastada das outras residências, assim estavam mais vulneráveis em relação aos roubos que aconteciam na região. A partir da resposta dada pela informante, foi necessário explorar um pouco mais sobre a questão das dificuldades da morada na praia e, a seguir, foi possível visualizar o que esta experiência traumática.

A dificuldade maió era pá genti i pá baité que a genti ... que era muntu ruim de vim de lá da bera da praia pra cá pá i pá cidade... munto ruim... até fazê compra pra cá po

riu po comercio também era ruim... as vez tinha marisia na praia, munta marisia i vento... era munto ruim pá gente vim pá i (INFORMANTE, 2020).

A descrição desta vulnerabilidade fez com tanto a senhora quanto sua família optarem por mudar de casa, deixando tudo o que tinha, para viver em uma residência mais próxima a outras residências, distante de certos perigos de viver isolados. Tais dificuldades apresentadas pela informante dizem respeito principalmente à questão da locomoção, pois como moravam distante do centro e não tinham energia elétrica, era mais difícil de viajar à noite, por falta de iluminação. Os fatos expostos, dizem respeito aos aspectos mais íntimos de memória, externado por meio da linguagem oral. Com relação ao período em que considerava melhor para se viver, ela naturalmente responde que são os dias atuais, como veremos no trecho seguinte.

Agora... agora ta milhó ... munto melhó mesmo...por que munta cuisa tem mas ... antes tinha mas dificuldade nas coisa, agora tá mas fácil as coisa pá arrumá, pá cunseguí ... principalmente no estudo quem tem vuntade destudá ... é munto bom agora. Agora já tem energia, maquina de bate açaf, que antes era no aguidá, máquina de bate ropa, que antes nós lavava ropa iscovando no giral. Já tem frizi pá gela a bóia. Tá um tempu muito bao (INFORMANTE, 2020).

Com esse discurso fica claro que, na memória da informante, existem muitos aspectos do passado que a deixam triste ao lembrar, pois traduzem as dificuldades de ser ribeirinho, falta de coisas básicas, investimentos etc. Além disso, as principais mudanças mencionadas estão relacionadas com os avanços tecnológicos, com a chegada da energia, também possibilitou a aquisição de muitos eletrodomésticos como máquinas para lavar roupa, freezer para conservar os alimentos.

Todos esses aspectos surgiram como uma forma de facilitar muito sua vida, tendo em vista que se trata de uma pessoa que já é idosa e não tem condições físicas de executar certos trabalhos. Essa é a nova face do ribeirinho, baseada em uma nova identidade, pautada por muitos avanços tecnológicos, que modificam seu modo de viver e principalmente de ver o mundo. A seguir esta descrito como eram constituídas as aulas, bem como as turmas que existiam na comunidade.

O estudo nesse tempo só tinha até o tecero ano que a gente chamava, que era... que tinha o primero o sigundo e o tecero ... era só essas classe que tinha, foi cumu eu estudei até o tecero... num tinha mas pá frente (INFORMANTE, 2020).

Nota-se que havia uma defasagem muito grande, pois, os alunos só tinham possibilidade de estudar até o terceiro ano do ensino fundamental, uma vez que, não haviam as séries posteriores. Com isso, a única opção que tinham era estudar até a série ofertada e

depois ir trabalhar, no caso dos homens, com seus pais, ou na extração alimentícia ou na pesca, no caso das mulheres trabalhavam cuidado da casa com a mãe.

Nessa perspectiva, visando descobrir mais informações sobre o que mudou da época em que ela era criança para os dias atuais, foi sugerido que a narradora relatasse sobre os aspectos que considerava que mudou, o que existiam antes que não tem mais e o que tem agora que não havia no passado. Com isso surgiu a narrativa descrita a seguir.

Mudô que antes a... a... o respeito amodo que era disferenti ... agora já não ... num existe esse respeito ... as pessoas num respeita... um mum respeita o outro, chamu palavrão na lharga do zotro.. antes num tinha essas cusa... era só... tinha mas respeito. Os jovi chegava tumava bença da genti, agora chega iguar um peda de pau, se puder pisa na gente eles pisa (INFORMANTE, 2020).

Por meio do discurso da colaboradora, fica nota-se que a identidade ribeirinha do Rio Anequara passa por transformações, pois, aspectos que antes eram considerados imprescindíveis, estão perdendo a valoração, como é caso do respeito, concebido pela informante como a maneira com que os mais novos tratavam os mais velhos, sendo esta pautada na consideração, submissão e tolerância. Além disso, culturalmente, era dever dos jovens filtrar as palavras que seriam proferidas quando havia uma pessoa mais velha. Ademais, era comum, ao chegar, tocar e beijar nas mãos dos idosos, pedindo-lhes a bênção, como sinal de reverência.

Por outro lado, qualquer forma de tratamento, que fuja desse padrão de comportamento, é considerado pela idosa, como uma falta de respeito e até mesmo de caráter, pois, havia uma hierarquia que deveria ser aceita por todos. Nesse sentido, fica claro a importância dada ao respeito, tendo em vista que é novamente citada, no que tange às relações interpessoais no âmbito familiar.

Era ... a gente tinha... os pais tinha ...quando os pais falava, os filho se calava e aceitava. Os filho tinham mas respeito pelos pais, quando o pai falava, os filho se calava, ai de quem contrariasse a vontade dos nossos pai. Agora ... agora não, os filho tem cunfiança cus pai ... tiro cunfiança cus pai ... antes não ... tinha mas respeito (INFORMANTE, 2020).

Dessa maneira, fica claro que a relação entre pais e filhos era pautada por valores familiares como: respeito, obediência e empatia. Evidenciando-se nos momentos em que a idosa diz que os filhos acatavam as ordens dos pais, pois caso alguém se posicionasse de maneira contrária, haveria uma espécie de punição. Com isso, havia a submissão dos filhos, em contrapartida a autoridade que os pais detinham. Isso ocorria por ser respeitada a hierarquia familiar, em que os mais idosos eram os líderes, ou seja, de acordo com idade eram

atribuídos determinado nível de autoridade, além das funções exercidas por cada membro da família.

Nessa perspectiva, fica explícito na fala da mulher, como funcionava esta hierarquia, assim, essa questão expressa como são constituídas as relações de poder entre pais e filhos, sendo que os chefes das famílias deveriam conceder autorização até no momento que deveriam falar, da mesma forma que, quando um familiar mais idoso começava a falar os outros deveriam calar-se imediatamente e, com toda docilidade escutavam. Uma vez que são os mais velhos, os maiores detentores do conhecimento e saberes adquiridos ao longo da vida.

Isso ocorria por conta da forma de organização familiar em que os moradores eram ensinados desde criança, a valorização dos saberes construídos pelos idosos, por meio de suas experiências vividas ao longo do tempo. Dessa forma, é possível dizer que o respeito é considerado um dos valores imprescindíveis para a narradora, uma vez que fica nítido por meio de sua narrativa, o quanto a falta desses valores é algo ruim, bem como, na descrição de como isso mudou do passado para o tempo presente.

Para mais, percebe-se na fala da informante que houve uma mudança na maneira como as relações familiares estão acontecendo, sendo que atualmente, valores que eram nutridos, já não fazem parte da identidade dos moradores mais jovens da comunidade, ganhando notoriedade quando ela relata que os filhos “tiro confiança cus pai”, isso quer dizer que perdeu-se a autoridade que os pais tinham, pois, os filhos lhes veem como um “amiguinho”, não percebe-se a hierarquia que foi citada anteriormente. Na verdade o que há atualmente é uma independência familiar, em que cada um cuida da própria vida, sendo as relações em nível de igualdade. Não há submissão, obediência tão pouco existe o respeito pelos idosos, que outrora eram tidos como os líderes das famílias, aspectos tido como imprescindíveis pela informante.

## **CONCLUSÃO**

O presente trabalho tem a finalidade de discutir o que as narrativas orais podem revelar a respeito da cultura, memória e identidade dos moradores do Rio Anequara, por meio do discurso de uma morado, considerada uma das mais antigas da comunidade. Nessa perspectiva, o que ficou explícito que a comunidade passa por mudanças significativas no que diz respeito a sua identidade e cultura, tais mudanças são resultado, principalmente, de muitos avanços tecnológicos e das novas formas de relações interpessoais.

Ademais, foi usado um roteiro para nortear os aspectos que desejava-se identificar na entrevista. De maneira geral, a colaboradora relata modificações que ocorreram no Rio Anequara, da sua época de criança para os dias atuais, destacando principalmente a maneira como os idosos são tratados. Com relação aos trabalhos, existem inúmeras atividades que deixaram de ser práticas, com o passar do tempo, mas que permanecem vivas em forma de memórias. São descritas outras mudanças, na visão da entrevistada, são positivas, com relação à educação, ela relata que atualmente surgiram muitas oportunidades de estudo, com a construção de escolas e formação de mais professores. No que diz respeito a questões familiares, há uma relação de igualdade entre pais e filhos, o que não era comum no passado, em que havia uma relação de hierarquia, onde os mais velhos tinham poder sobre os mais novos.

Além disso, existem muitos saberes culturais repassados pelas narrativas orais, que foram obtidas por meio das gravações, como a questão dos apelidos. Também há aspectos culturais presentes apenas na memória da narradora e que são exercidos apenas pela população idosa, o que configura-se com aspectos imprescindíveis para entender o passado. Também fica claro que ela usa uma linguagem bastante particular, utilizada no contexto familiar, de maneira espontânea.

Em síntese pode-se dizer que ,apesar de existir uma mudança cultural e identitária, que norteia o modo de pensar e agir das comunidades tradicionais, ainda existem aspectos culturais que resistem ao tempo. Isso acontece muito por conta da tradição oral, pois é assim que são transmitidos os saberes adquiridos ao longo do tempo, ou seja, as narrativas orais, mostram-se como uma ponte que disseminam os conhecimentos dos moradores mais antigos para os mais jovens.

## REFERÊNCIAS

CALVET, Louis-Jean. **TRADIÇÃO ORAL E TRADIÇÃO ESCRITA**. Tradução de Waldemar Ferreira Netto e Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola, 2011.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

DELGADO, L. DE A. N. **HISTÓRIA ORAL: MEMÓRIA, TEMPO, IDENTIDADE**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. **INTRODUÇÃO: A DISCIPLINA E A PRÁTICA DA PESQUISA QUALITATIVA**. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

FERRAZ, Lidia Rochedo. **O COTIDIANO DE UMA ESCOLA RURAL RIBEIRINHA NA AMAZÔNIA: PRÁTICAS EM SABERES NA RELAÇÃO ESCOLA-COMUNIDADE**. Tese (doutorado) Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto/USP. Ribeirão Preto – SP, 2010.

FONSECA, J. J. S. **METODOLOGIA DA PESQUISA CIENTÍFICA**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA SOCIAL**. Atlas, 6. Ed - São Paulo 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro. 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LEAL, Alessandra. **CULTURA E MEMÓRIA: PERCEPÇÕES DAS LEMBRANÇAS RE-EXISTENTES NO TEMPO**. Geo UERJ , 2011 p. 350-361. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/geouerj> . Acesso em: 16/07/2021.

MACIEL, Rita. **IDENTIDADE, MEMÓRIA E CULTURA: NARRATIVAS ORAIS FAMILIARES DE INFORMANTES IDOSOS RONDONIENSES**. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, RO, 2021.

MASCARENHAS, Mayre Dione Mendes da Silva; OLIVEIRA, Sidney da Silva. **NARRATIVAS, TRADIÇÕES ORAIS E SUAS MANIFESTAÇÕES NOS TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS ÁFRICA E LARANJITUBA, MOJU P<sup>A</sup>. A NARRATIVA DO EMU – A BEBIDA SAGRADA**. XXIX SIMPÓSIO DE HISTÓRIA NACIONAL, 2017. Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502475660\\_ARQUIVO\\_ARTIGO\\_COMPLETO\\_XXIX\\_SNH.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1502475660_ARQUIVO_ARTIGO_COMPLETO_XXIX_SNH.pdf). Acesso em: 23/07/2021.

MOITA LOPES, Luiz Paulo. **PRÁTICAS NARRATIVAS COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS: UMA ABORDAGEM SOCIOCONSTRUCIONISTA**. IN: RIBEIRO, Branca Telles; LIMA, Cristina Costa;

DANTAS, Maria Tereza Lopes (orgs.). **Narrativa, Identidade e Clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB, 2001.

NOBREGA, Adriana Nogueira; MAGALHÃES, Célia Elisa Alves de. **NARRATIVA E IDENTIDADE: CONTRIBUIÇÕES DA AVALIAÇÃO NO PROCESSO DE (RE) CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA EM SALA DE AULA UNIVERSITÁRIA**. VEREDAS ON-LINE – ATEMÁTICA , JUIZ DE FORA, 2012.

PERAZZO, Priscila F. **NARRATIVAS ORAIS DE HISTÓRIAS DE VIDA**. Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS, v. 16, n. 30, 2015.

POLLAK, Michael. **MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL: ESTUDOS HISTÓRICOS**. Rio de Janeiro. v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

TEIXEIRA, Juliana de Oliveira. **CULTURA, IDENTIDADE E MEMÓRIA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE A CULTURA POPULAR DE TELÊMACO BORBA-PR**. XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. Florianópolis, 2015.

**ANEXO-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistada na pesquisa de campo intitulada “**NAVEGANDO PELA CULTURA: IDENTIDADE E MEMÓRIA DE UMA MORADORA DO RIO ANEQUARA**” desenvolvido por Manuelle Pereira da Silva e orientada por Rosangela do Socorro Nogueira, a quem poderei consultar a qualquer momento que julgar necessário. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informada dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo e declaro estar ciente da divulgação dos dados e publicação dos resultados. Fui também esclarecido(a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Abaetetuba, 08 de Novembro de 2021

Assinatura do(a) participante: Silvana Ribeiro Pereira

Assinatura do(a) pesquisador(a): Manuelle Pereira da Silva

Assinatura do(a) testemunha(a): Berliane Ribeiro Pereira